

RESSALVA

Atendendo solicitação do(a) autor(a), o texto completo deste documento será disponibilizado somente a partir de 25/05/2028.



**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO
DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE MEDICINA**

Amanda Soares da Rocha

**O Impacto do Diagnóstico Tardio na Vida de Adultos
com Transtorno do Espectro Autista (TEA): Um
Estudo Qualitativo**

Dissertação apresentada à Faculdade de
Medicina, Universidade Estadual Paulista
“Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de
Botucatu, para obtenção do título de
Mestra em Saúde Coletiva.

Orientadora: Prof. Dra. Maria Cristina Pereira de Lima
Coorientador: Prof. Dr. Lucelmo Lacerda de Brito

**Botucatu
2026**

AMANDA SOARES DA ROCHA

**O Impacto do Diagnóstico Tardio na Vida de Adultos com
Transtorno do Espectro Autista (TEA): Um Estudo Qualitativo**

Dissertação apresentada à Faculdade de
Medicina, Universidade Estadual Paulista
“Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de
Botucatu, para obtenção do título de
Mestra em Saúde Coletiva.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Cristina Pereira Lima
Coorientador: Prof. Dr. Lucelmo Lacerda de Brito

Botucatu
2026

R672i

Rocha, Amanda Soares da

O Impacto do Diagnóstico Tardio na Vida de Adultos com Transtorno do Espectro Autista (TEA): Um Estudo Qualitativo / Amanda Soares da Rocha.

-- Botucatu, 2026

80 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (UNESP),
Faculdade de Medicina, Botucatu

Orientadora: Maria Cristina Pereira Lima

Coorientadora: Lucelmo Lacerda de Brito

1. Transtorno do Espectro Autista. 2. Autismo. 3. Diagnóstico Tardio. 4.
Pessoas Neurodivergentes. I. Título.



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Câmpus de Botucatu



ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE AMANDA SOARES DA ROCHA RODRIGUES, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SAÚDE COLETIVA, DA FACULDADE DE MEDICINA - CÂMPUS DE BOTUCATU.

Aos 25 de maio de 2026, às 9h, por meio de Videoconferência, realizou-se a defesa de DISSERTAÇÃO DE MESTRADO de AMANDA SOARES DA ROCHA RODRIGUES, intitulada "**O Impacto do Diagnóstico Tardio na Vida de Adolescentes e Adultos com Transtorno do Espectro Autista (TEA): Um Estudo Qualitativo**". A Comissão Examinadora foi constituída pelos seguintes membros: Profa. Titular MARIA CRISTINA PEREIRA LIMA (Orientador(a) - Participação Virtual) do(a) Depto Neurociências e Saúde Mental / FMB - UNESP, Profa. Dra. FLÁVIA HELENA PEREIRA PADOVANI (Participação Virtual) do(a) Depto de Neurociências e Saúde Mental / UNESP / Câmpus de Botucatu - FMB, Prof. Dr. JOSÉ UMBELINO GONÇALVES NETO (Participação Virtual) do(a) Fortaleza. Após a exposição pela mestrandia e arguição pelos membros da Comissão Examinadora que participaram do ato, de forma presencial e/ou virtual, a discente recebeu o conceito final: APROVADA. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelo(a) Presidente(a) da Comissão Examinadora.

Documento assinado digitalmente
 MARIA CRISTINA PEREIRA LIMA
 Data: 25/05/2026 13:05:11-0300
 Verifique em <https://validar.ig.gov.br>

Profa. Titular MARIA CRISTINA PEREIRA LIMA

Dedico este trabalho aos meus pais, Rosana e Antonio.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Deus, que para mim pode ter várias denominações e desdobramentos, e que sempre foi meu ponto de sustentação durante todos os percalços pessoais e profissionais que passei durante o período de elaboração deste trabalho.

Aos meus pais, Rosana e Antonio, que nunca pouparam esforços para investir na minha educação e que nunca desistiram de mim.

Ao meu irmão Tiago que com sua dedicação à trajetória acadêmica me inspirou nesse caminho.

À minha orientadora Kika, que com gentileza e firmeza me guiou em todas as etapas deste processo, sendo compreensiva e compassiva. Não tenho palavras para agradecê-la!

Ao meu coorientador Lucelmo Lacerda, que para minha feliz surpresa aceitou meu convite aos “45 do segundo tempo”, e deu importantíssimas contribuições técnicas para a conclusão deste trabalho.

Aos participantes da banca examinadora, pelas considerações e apontamentos relevantes a este tema tão polêmico e sensível.

À minha filha Manu, que sempre foi compreensiva e sensível às minhas necessidades individuais de realização, mesmo quando estas implicavam em me ausentar fisicamente. Ela talvez ainda não entenda, mas foi um grande combustível neste período para que eu concretizasse este objetivo.

À minha filha Rafa, que com seu entusiasmo e imaginação me dava forças para seguir em frente, mesmo nos dias difíceis. Sua alegria foi essencial para eu perseverar.

Ao meu filho Miguel, gerado e nascido no período em que fui mestranda. Por um breve momento achei que ele fosse um motivo para desistir deste trabalho, mas depois se tornou uma fonte sem tamanho de inspiração e força para que eu conseguisse finalizá-lo, a despeito de todas as demandas pessoais e emocionais.

Aos professores das disciplinas do Programa de Pós Graduação em Saúde Coletiva da FMB, que se tornaram meus modelos de docência e profissionalismo.

Aos 9 entrevistados que cederam seu tempo e suas histórias de vida para este trabalho, e cujos relatos são o coração desta dissertação.

À Luciene, secretária do Programa, que tantas vezes me socorreu respondendo pacientemente minhas dúvidas e atendendo meus pedidos.

A todas as pessoas que foram minha rede de apoio nos períodos em que precisei me dedicar para esta dissertação. Algumas não fazem mais parte da minha vida cotidiana, algumas não compartilhavam este sonho comigo, mas reconheço o papel que exerceram para que este trabalho fosse concluído e sou imensamente grata por isso.

À Mayra Grava, que gentilmente doou seu tempo e energia me auxiliando a elaborar meu pré-projeto em janeiro de 2023, “por mais mulheres na ciência” (palavras dela, que jamais esquecerei). Toda a minha admiração e gratidão! Sem seu apoio no início eu não estaria aqui.

Às minhas amigas: Pri, Mel, Táli, Ju, Mafe, Lú. Ao acreditarem em mim, mesmo nos meus piores momentos, vocês me fizeram ter a autoconfiança necessária para que eu conseguisse. A amizade entre mulheres é revolucionária, e a presença de vocês proporcionou e proporciona uma verdadeira revolução em minha vida, em todos os sentidos.

E por fim, eu agradeço a mim. Somente eu consigo mensurar o que significa ter chegado até aqui, após o período mais turbulento da minha vida. É um sonho que existe em mim desde a graduação, e ter me apegado a este trabalho nos últimos anos me salvou, de várias maneiras.

RESUMO

Introdução: O Transtorno do Espectro Autista (TEA) caracteriza-se por déficits na comunicação ou socialização e padrões restritos de comportamentos ou interesses. O diagnóstico é clínico, e não laboratorial, e sua causa envolve fatores genéticos e ambientais. Nota-se um aumento no número de diagnósticos realizados, inclusive tardiamente (na idade adulta). Assim, a pergunta que permeia a presente pesquisa é: Quais foram os impactos do diagnóstico tardio percebidos por adultos com TEA? **Metodologia:** este estudo qualitativo incluiu pessoas de 18 a 45 anos, de ambos os sexos, diagnosticadas com autismo. Os participantes foram recrutados via mídias sociais ou abordados diretamente em serviços privados e no sistema de saúde suplementar. Foi pedido aos voluntários a assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido, e os mesmos foram informados sobre a natureza e os objetivos do estudo, garantindo-se o sigilo de suas identidades e informações pessoais. Entrevistas presenciais ou remotas foram realizadas com privacidade e escuta acolhedora e sem julgamentos por parte da entrevistadora, utilizando-se um roteiro semi estruturado que explorava aspectos da vida prática, subjetividade e saúde mental dos participantes antes e após o diagnóstico de TEA. Inicialmente seriam realizadas 15 entrevistas, mas o ponto de saturação foi atingido com 9 entrevistas, que foram gravadas, transcritas e analisadas pela pesquisadora. A análise envolveu a categorização empírica dos relatos, correlacionando-se a incidência de psicopatologias e dificuldades cotidianas antes e após o diagnóstico de TEA. Foram analisadas também mudanças nas subjetividades dos participantes e nos aspectos legais e sociais após o diagnóstico. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa. **Resultados:** Os resultados apontam que os sujeitos entrevistados percebem como positivo o recebimento do diagnóstico de TEA, utilizando palavras como “alívio” e “pertencimento” ao descreverem as sensações experienciadas. **Conclusão:** Os achados apontam para uma percepção de benefício de que o diagnóstico seja realizado o quanto antes, a fim de que estratégias de cuidado sejam mobilizadas precocemente.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista; Autismo em adultos; Diagnóstico tardio; Impacto do diagnóstico; Pesquisa qualitativa.

ABSTRACT

Introduction: Autism Spectrum Disorder (ASD) is characterized by deficits in communication or socialization and restricted patterns of behavior or interests. The diagnosis is clinical, not laboratory-based, and its cause involves genetic and environmental factors. Due to the increased dissemination of information about autism, there has been a rise in the number of diagnoses, including late diagnoses (in adulthood). The question that permeates this research is: can late diagnosis of ASD in adults impact their mental health? **Objectives:** To analyze the impact of late diagnosis of ASD on the lives of adult individuals, based on the participants' reports. **Methodology:** This qualitative study included individuals aged 18 to 45, of both sexes, diagnosed with autism. Participants were recruited through social media and by directly approaching autistic individuals served in private services and the supplementary health system. Volunteers were asked to sign an informed consent form and were informed about the nature and objectives of the study, ensuring the confidentiality of their identities and personal information. In-person or remote interviews were conducted with privacy and protection, and without judgment from the interviewer, using a semi-structured script that explored aspects of the participants' practical life, subjectivity, and mental health before and after the diagnosis of ASD (Autism Spectrum Disorder). Initially, 15 interviews were conducted, but the saturation point was reached at the ninth interview. The interviews were recorded, transcribed, and reviewed by the researcher. This analysis involved an empirical categorization of the accounts, correlating them with the incidence of psychopathology and daily difficulties before and after the diagnosis of ASD. We are verified changes in the participants' subjectivities and in legal and social aspects after the diagnosis. The study was approved by the Research Ethics Committee. **Results:** Results to date indicate that the subjects investigated perceived the diagnosis of ASD as positive, using words such as "relief" and "belonging" when describing the sensations experienced. **Conclusion:** The results point to the potential benefit of early diagnosis, that allows for the mobilization of care strategies.

Keywords: Autism; Autism spectrum disorder; Late diagnosis Diagnosis's impact; Qualitative research

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	10
1 INTRODUÇÃO	11
1.1 A classificação diagnóstica e as nomenclaturas do TEA	11
1.2 O aumento da prevalência do TEA nos últimos anos	14
1.3 Níveis de suporte no TEA	17
1.4 Obstáculos na identificação do TEA nível 1 em adultos	19
1.5 Estudos na área do autismo	20
1.6 O estudo atual	25
2 OBJETIVOS	27
3 MÉTODO	27
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	29
5 CONCLUSÃO	61
6 REFERÊNCIAS	62
ANEXO A	68
ANEXO B	74
ANEXO C	78
ANEXO D	79

APRESENTAÇÃO

Desde a minha graduação em Psicologia, em 2006, me identifico com o tema da diversidade e com as necessidades e preconceitos sofridos pelas populações minoritárias. Esta identificação me levou a realizar estágios de atendimento com um grupo populacional específico: as pessoas com deficiência intelectual ou transtornos mentais, e dentre essas, crianças do Transtorno do Espectro Autista (TEA). Acredito que esta identificação pode ter se dado também pelo fato de ter tido uma prima autista (*in memorian*), e desde criança ter convivido com suas particularidades, sua forma peculiar de interagir e se comportar, e as dificuldades enfrentadas por meus tios, já que ela era considerada como uma “autista grave”, termo utilizado na época para descrever aqueles que necessitavam de adaptações substanciais em sua vida cotidiana.

Assim, mesmo não sendo uma pessoa com TEA e não tendo nenhuma deficiência, me interessei desde então pelas questões comportamentais, biológicas e sociais dessas pessoas e suas famílias, e por isso tenho focado minha prática clínica principalmente para este público.

Com o passar dos anos aumentou a busca de adultos pelos meus serviços de avaliações psicológicas com suspeita de TEA, sendo que era recorrente também reações de cunho positivo ao receberem o diagnóstico de autismo. Esta vivência na minha prática clínica causou-me uma inquietação que me levou a pesquisar sobre o impacto do diagnóstico tardio de TEA em adultos, o que me trouxe até a presente pesquisa.

1 INTRODUÇÃO

Nos últimos anos tem acontecido um aumento significativo na quantidade de informações disseminadas e nos estudos sobre o autismo. Nesse cenário, destaca-se a reformulação da classificação diagnóstica ocorrida em 2013, quando a nomenclatura oficial passou a ser definida como Transtorno do Espectro Autista (TEA) na 5ª edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, conhecido como DSM-5 (APA, 2014). A reformulação da categoria diagnóstica, que passou a agrupar diferentes condições sob a noção de “espectro”, reflete a compreensão do TEA como um transtorno do neurodesenvolvimento com diferentes níveis de manifestação. O quadro é caracterizado por déficits na comunicação e interação social e por padrões restritos e repetitivos de comportamento ou interesses (APA, 2014).

1.1 A classificação diagnóstica e as nomenclaturas do TEA

As publicações científicas sobre o transtorno do espectro autista (TEA) tiveram início em 1943, com o trabalho do psiquiatra Leo Kanner, intitulado *Autistic Disturbances of Affective Contact*, considerado um marco na história do autismo. Nesse estudo, Kanner descreveu um grupo de crianças que apresentavam um padrão atípico de desenvolvimento, caracterizado por dificuldades na interação social, prejuízos na comunicação e comportamentos repetitivos, além de uma marcante insistência na manutenção de rotinas. O autor destacou ainda características como o isolamento social precoce, a aparente indiferença ao outro e o uso peculiar da linguagem, aspectos que passaram a compor as primeiras descrições clínicas do quadro.

As observações de Kanner representaram um avanço significativo ao delimitar um conjunto relativamente consistente de comportamentos, diferenciando essas crianças de outras condições previamente descritas, como a deficiência intelectual e os transtornos de linguagem. Ainda que sua proposta inicial não estivesse totalmente dissociada das concepções psiquiátricas vigentes à época, seu trabalho inaugurou uma nova forma de compreender o desenvolvimento atípico, ao enfatizar aspectos comportamentais específicos e relativamente estáveis ao longo do tempo (Rosen *et al.*, 2021).

Em 1944, o psiquiatra austríaco Hans Asperger descreveu uma condição com características semelhantes, especialmente no que se refere às dificuldades na interação social e à presença de interesses restritos e padrões comportamentais repetitivos. Diferentemente das crianças descritas por Kanner, os indivíduos observados por Asperger apresentavam desenvolvimento linguístico preservado e, em muitos casos, habilidades cognitivas dentro ou acima da média. Essa distinção contribuiu para a posterior compreensão da variabilidade clínica do autismo Rosen *et al.*, 2021).

Décadas mais tarde, a psiquiatra britânica Lorna Wing retomou e sistematizou essas contribuições, propondo uma ampliação do conceito de autismo e introduzindo o termo “Síndrome de Asperger”. Wing também foi responsável por difundir a ideia de que as características autísticas poderiam se manifestar em diferentes graus de intensidade, antecipando, em certa medida, a noção contemporânea de espectro (Hamidi *et al.*, 2024; Rosen *et al.*, 2021).

Nas décadas subsequentes, o autismo foi frequentemente compreendido no âmbito das psicoses infantis, sendo interpretado, em parte, a partir de perspectivas psicogênicas. Nesse contexto, ganhou destaque a hipótese da “mãe-geladeira”, proposta por Bruno Bettelheim, segundo a qual o autismo seria resultado de uma suposta frieza emocional materna. Essa interpretação, embora posteriormente refutada, teve forte impacto no campo, contribuindo para a culpabilização das famílias e para o atraso no desenvolvimento de abordagens mais adequadas ao transtorno (Silberman, 2015).

A partir da década de 1970, consolidou-se um movimento de revisão crítica dessas explicações, impulsionado pelo avanço das pesquisas empíricas em desenvolvimento infantil e neurociências. Evidências passaram a indicar que a manifestação precoce dos sintomas estava associada a fatores biológicos e neurodesenvolvimentais, deslocando o foco das interpretações centradas exclusivamente nas relações familiares. Nesse contexto, a hipótese de uma predisposição individual, possivelmente modulada por fatores ambientais, passou a oferecer uma explicação mais consistente para o desenvolvimento do transtorno (Tamanaha *et al.*, 2008).

As primeiras edições do *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais* (DSM-I, 1952; DSM-II, 1968), publicado pela American Psychiatric Association, refletiam a influência dessas concepções iniciais, classificando o

autismo como uma forma de esquizofrenia infantil. Essa categorização evidenciava a ausência de critérios diagnósticos específicos e a dificuldade em diferenciar o autismo de outras condições psiquiátricas na infância (Schmidt, 2017).

Uma mudança significativa ocorreu com a terceira edição do DSM (APA, 1980), que introduziu o termo “autismo infantil” como uma categoria diagnóstica própria. Essa reformulação marcou o afastamento da perspectiva psicodinâmica e a adoção de critérios mais descritivos e observáveis, alinhados a uma abordagem mais empiricamente fundamentada. A partir desse momento, o autismo passou a ser compreendido como um transtorno do desenvolvimento, com características específicas e passíveis de identificação clínica mais consistente.

Na quarta edição do manual (APA, 1994), o autismo foi incluído na categoria dos Transtornos Globais do Desenvolvimento (TGD), que reunia diferentes condições caracterizadas por prejuízos na interação social, na comunicação e na presença de comportamentos repetitivos. Entre essas condições estavam o Transtorno Autista, a Síndrome de Asperger, o Transtorno de Rett, o Transtorno Desintegrativo da Infância e o Transtorno Global do Desenvolvimento sem outra especificação. Apesar de representar um avanço na sistematização diagnóstica, essa classificação apresentava limitações, especialmente devido à sobreposição de critérios entre as categorias, o que frequentemente gerava inconsistências na prática clínica.

Diante dessas limitações, a quinta edição do DSM (APA, 2014) promoveu uma reformulação substancial, unificando as categorias anteriores sob a denominação de Transtorno do Espectro Autista. Essa mudança baseou-se em evidências de que as manifestações do autismo apresentam ampla variabilidade em termos de tipo e intensidade, distribuindo-se ao longo de um continuum clínico. Além disso, os critérios diagnósticos foram reorganizados em dois domínios principais — comunicação social e padrões restritos e repetitivos de comportamento — e passaram a incluir aspectos como alterações no processamento sensorial, ampliando a sensibilidade diagnóstica (Araújo; Neto, 2014; Grzadzinski *et al.*, 2013).

De forma convergente, a Classificação Internacional de Doenças (CID), elaborada pela Organização Mundial da Saúde, também incorporou mudanças importantes em suas versões mais recentes. A CID-11 reforça a compreensão do autismo como um transtorno do neurodesenvolvimento e destaca a relevância da

linguagem funcional e do uso social da comunicação no processo diagnóstico, em consonância com os avanços observados no DSM (Wilson *et al.*, 2013).

Nesse contexto, a concepção contemporânea do autismo como espectro reflete o reconhecimento de sua natureza complexa e heterogênea, marcada por significativa variabilidade clínica. Tal perspectiva considera que as diferentes apresentações anteriormente classificadas de forma independente correspondem, na realidade, a manifestações de um mesmo *continuum* de funcionamento, o que permite uma compreensão mais abrangente e precisa do transtorno (Lord *et al.*, 2018).

6 REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. L.; NEVES, A. S. A popularização diagnóstica do autismo: uma falsa epidemia? *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 40, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003180896>.

ALVES, H. C. de O. O diagnóstico do transtorno do espectro autista na fase adulta: uma scoping review. *Id on Line Revista de Psicologia*, v. 18, n. 71, p. 1–18, 2024. DOI: <https://doi.org/10.14295/idonline.v18i71.3964>.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. *DSM-5: manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais*. Porto Alegre: Artmed, 2014.

ARAÚJO, A. C.; NETO, F. L. A nova classificação americana para os transtornos mentais – o DSM-5. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, v. 16, n. 1, p. 67–82, 2014. DOI: <https://doi.org/10.31505/rbtcc.v16i1.659>.

BARGIELA, S.; STEWARD, R.; MANDY, W. The experiences of late-diagnosed women with autism spectrum conditions: an investigation of the female autism phenotype. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, v. 46, p. 3281–3294, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1007/s10803-016-2872-8>.

BORGES, L. A. F. S. et al. Aumento nos casos de transtorno do espectro autista em crianças: fatores e implicações. *Brazilian Journal of Implantology and Health*

Sciences, v. 6, n. 11, p. 3697–3705, 2024. DOI: <https://doi.org/10.36557/2674-8169.2024v6n11p3697-3705>.

CAGE, E.; TROXELL-WHITMAN, Z. Understanding the reasons, contexts and costs of camouflaging for autistic adults. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, v. 49, n. 5, p. 1899–1911, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1007/s10803-018-03878-x>.

CHAGAS, Danillo Magnum Farias et al. O uso de mídias digitais e o desenvolvimento de sintomas de autismo na infância: uma revisão integrativa. *Revista Psicologia e Saúde em Debate*, v. 11, n. 1, p. 1117–1135, 2025. DOI: <https://doi.org/10.22289/2446-922X.V11A1A65>.

COSTA, M. dos S. G. de M.; VASCONCELOS, L. A. A complexidade da análise de padrões sociais: um estudo de caso de uma adulta autista. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, v. 26, n. 1, e241981, 2025. DOI: <https://doi.org/10.31505/rbtcc.v26i1.1981>.

DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z. A. P. Habilidades sociais: biologia evolucionária e cultura. In: GUILHARDI, H. J. (org.). *Sobre comportamento e cognição*. São Paulo: ESETec, 2001. p. 65–75.

DUARTE, R. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. *Cadernos de Pesquisa*, n. 115, p. 139–154, 2002. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0100-15742002000100005>.

DUFOUR, I. et al. Pathways to autism diagnosis in adulthood. *Journal of Neurodevelopmental Disorders*, v. 17, p. 35, 2025. DOI: <https://doi.org/10.1186/s11689-025-09627-3>.

FERNANDES, C. S.; TOMAZELLI, J.; GIRIANELLI, V. R. Diagnóstico de autismo no século XXI: evolução dos domínios nas categorizações nosológicas. *Psicologia USP*, v. 31, e200027, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0103-6564e200027>.

FOMBONNE, E. Epidemiological controversies in autism. *Swiss Archives of Neurology, Psychiatry and Psychotherapy*, v. 171, n. 1, p. 1–3, 2020. DOI: <https://doi.org/10.4414/sanp.2020.03084>.

GIBBS, V. et al. Brief report: an exploratory study comparing diagnostic outcomes for autism spectrum disorders under DSM-IV-TR with the proposed DSM-5 revision. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, v. 42, p. 1750–1756, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1007/s10803-012-1560-6>.

GRUBER G. C.; FÉRES-CARNEIRO, T. Autismo em adultos: Sentimentos e mudanças após o diagnóstico. *Psicologia e Saúde em debate*, [S. l.], v. 10, n. 2, p. 80–100, 2024. DOI: <https://doi.org/10.22289/2446-922X.V10A2A6>

GOFFMAN, E. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: LCT, 2004.

GRANDIN, T.; PANEK, R. *O cérebro autista: pensando através do espectro*. Rio de Janeiro: Record, 2015.

GRZADZINSKI, R.; HUERTA, M.; LORD, C. DSM-5 and autism spectrum disorders (ASDs): an opportunity for identifying ASD subtypes. *Molecular Autism*, v. 4, n. 1, p. 1–6, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1186/2040-2392-4-12>.

HAMIDI, A. et al. Leo Kanner: the physician and pioneer of autism. *Cureus*, v. 16, n. 11, e73859, 2024. DOI: <https://doi.org/10.7759/cureus.73859>.

HANSEN, S. N.; SCHENDEL, D. E.; PARNER, E. T. Explaining the increase in the prevalence of autism spectrum disorders: the proportion attributable to changes in reporting practices. *JAMA Pediatrics*, v. 169, n. 1, p. 56–62, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1001/jamapediatrics.2014.1893>.

HARSTAD, E. B. et al. Comparing diagnostic outcomes of autism spectrum disorder using DSM-IV-TR and DSM-5 criteria. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, v. 45, p. 1437–1450, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1007/s10803-014-2306-4>.

HICKEY, A.; CRABTREE, J.; STOTT, J. Suddenly the first fifty years of my life made sense: experiences of older people with autism. *Autism*, v. 22, p. 357–367, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1177/1362361316680914>.

HULL, L.; LEVY, L.; LAI, M. C. et al. Is social camouflaging associated with anxiety and depression in autistic adults? *Molecular Autism*, Londres, v. 12, n. 1, p. 13, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1186/s13229-021-00421-1>

HULL, L., MANDY, W., LAI, MC. et al. Development and Validation of the Camouflaging Autistic Traits Questionnaire (CAT-Q). *J Autism Dev Disord* 49, 819–833 (2019). <https://doi.org/10.1007/s10803-018-3792-6>

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censo Demográfico 2022: pessoas com deficiência e condições do espectro autista – resultados preliminares. Rio de Janeiro: IBGE, 2025. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/>. Acesso em: 20 abr. 2026.

LIVINGSTON, L. A.; SHAH, P.; HAPPÉ, F. Compensatory strategies below the behavioural surface in autism: a qualitative study. *The Lancet Psychiatry*, v. 6, n. 9, p. 766–777, 2019. DOI: [https://doi.org/10.1016/S2215-0366\(19\)30224-X](https://doi.org/10.1016/S2215-0366(19)30224-X).

MAENNER, M. J. et al. Prevalence and early identification of autism spectrum disorder among children aged 8 years. *MMWR Surveillance Summaries*, v. 74, n. 2, 2025. DOI: <https://doi.org/10.15585/mmwr.ss7402a1>.

MINAYO, M. C. S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

MURPHY, C. M. et al. Autism spectrum disorder in adults: diagnosis, management, and health services development. *Neuropsychiatric Disease and Treatment*, v. 12, p. 1669–1686, 2016. DOI: <https://doi.org/10.2147/NDT.S65455>.

OLIVEIRA, L.; MAIA, J. Depressão e suicídio em adultos com transtorno do espectro autista: uma revisão sistemática. *Research, Society and Development*, v. 11, e255111537265, 2022. DOI: <https://doi.org/10.33448/rsd-v11i15.37265>.

PEREIRA, A. K. M.; SOUTO, V. T. A cor do autismo e sua relevância na representação simbólica de mulheres. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE DESIGN DA INFORMAÇÃO (CIDI), 9., 2019, São Paulo; CONGRESSO NACIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN DA INFORMAÇÃO (CONGIC), 9., 2019,

São Paulo. *Anais [...]*. São Paulo: Blucher, 2019. p. 1403–1411. DOI: <https://doi.org/10.5151/9cidi-congic-3.0294>.

PUNSHON, C.; SKIRROW, P.; MURPHY, G. The not guilty verdict: psychological reactions to a diagnosis of Asperger syndrome in adulthood. *Autism*, v. 13, n. 3, p. 265–283, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1177/1362361309103795>.

ROSEN, N. E.; LORD, C.; VOLKMAR, F. R. The diagnosis of autism: from Kanner to DSM-III to DSM-5 and beyond. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, v. 51, n. 12, p. 4253–4270, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1007/s10803-021-04904-1>.

RUTHERFORD, M. et al. Gender ratio in a clinical population sample, age of diagnosis and duration of assessment in children and adults with autism spectrum disorder. *Autism*, v. 20, n. 5, p. 628–634, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1177/1362361315617879>.

SALARI, N. et al. The global prevalence of autism spectrum disorder: a comprehensive systematic review and meta-analysis. *Italian Journal of Pediatrics*, v. 48, p. 112, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1186/s13052-022-01310-w>.

SASSON, N. et al. Neurotypical peers are less willing to interact with those with autism based on thin slice judgments. *Scientific Reports*, v. 7, p. 40700, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1038/srep40700>.

SCHMIDT, C. Transtorno do espectro autista: onde estamos e para onde vamos. *Psicologia em Estudo*, v. 22, n. 2, p. 221–230, 2017. DOI: <https://doi.org/10.4025/psicolestud.v22i2.34651>.

SEÇER, I. et al. Autism traits and mental well-being: the mediating role of social camouflaging and the moderating role of social exclusion and public stigma. *Scientific Reports*, v. 15, p. 36633, 2025. DOI: <https://doi.org/10.1038/s41598-025-20569-7>.

SILBERMAN, S. *NeuroTribes: the legacy of autism and the future of neurodiversity*. New York: Avery, 2015.

STAGG, S. D.; BELCHER, H. Living with autism without knowing: receiving a diagnosis in later life. *Health Psychology and Behavioral Medicine*, v. 7, n. 1, p. 348–361, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1080/21642850.2019.1684920>.

TAMANHA, A. C.; PERISSINOTO, J.; CHIARI, B. M. Uma breve revisão histórica sobre a construção dos conceitos do autismo infantil e da síndrome de Asperger. *Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia*, v. 13, n. 3, p. 296–299, 2008. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1516-80342008000300015>.

TURBOSCRIBE. Turboscribe: unlimited audio and video transcription. Disponível em: <https://turboscribe.ai/pt/>. Acesso em: 20 abr. 2026.

WILSON, C. E. et al. Comparison of ICD-10R, DSM-IV-TR and DSM-5 in an adult autism spectrum disorder diagnostic clinic. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, v. 43, p. 2515–2525, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1007/s10803-013-1799-6>.

ZOOM VIDEO COMMUNICATIONS, INC. Zoom meetings. Disponível em: <https://www.zoom.com/>. Acesso em: 20 abr. 2026.